

**ASSOCIAÇÃO DE MULHERES RURAIS EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA
NATUREZA NA AMAZÔNIA: CONTRADIÇÕES ENTRE AUTONOMIA E
REPRODUÇÃO DE PAPEIS DE GÊNERO**
**RURAL WOMEN'S ASSOCIATION IN A NATURE CONSERVATION UNIT IN THE
AMAZON: CONTRADICTIONS BETWEEN AUTONOMY AND THE REPRODUCTION
OF GENDER ROLES**

Vanessa Melo de Jesus

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

E-mail: vanessa.mjesus@gmail.com

Laila Mayara Drebes

Professora do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

E-mail: drebes.laila@unifesspa.edu.br

GT05. Agricultura familiar e relações de gênero no meio rural

Resumo

À luz das pesquisas sobre relações de gênero e divisão sexual do trabalho, o presente estudo tem como objetivo analisar a criação e a consolidação de uma associação de mulheres em uma unidade de conservação da natureza situada na Amazônia. Trata-se da Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra, localizada na Área de Proteção Ambiental do Igarapé Gelado, no município de Parauapebas, estado do Pará. Trata-se de um recorte da dissertação produzida pela autora e orientada pela coautora, em que os dados utilizados foram coletados por meio de entrevistas e observações com 7 mulheres rurais vinculadas à Associação. Os resultados evidenciam que apesar dos avanços em termos de autonomia econômica e valorização do trabalho reprodutivo, a Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra reforça aspectos tradicionais da divisão sexual do trabalho e deixa de abordar questões mais amplas, de interesse coletivo, como os impactos socioambientais da mineração e as dinâmicas de exploração do território.

Palavras-chave: área de proteção ambiental; divisão sexual do trabalho; feminismo; mineração.

Abstract

In light of research on gender relations and the sexual division of labor, the present study aims to analyze the creation and consolidation of a women's association in a conservation unit located in the Amazon. This refers to the Association of Peasant Women Daughters of the Land, located in the Área de Proteção Ambiental (APA) do Igarapé Gelado, in the municipality of Parauapebas, state of Pará. This is an excerpt from the dissertation produced by the author and supervised by the co-author, where data were collected through interviews and observations with seven rural women affiliated with the Association. The results highlight that, despite advances in economic autonomy and the recognition of reproductive work, the Association of Peasant Women Daughters of the Land reinforces traditional aspects of the sexual division of labor and fails to address broader, collective issues such as the socio-environmental impacts of mining and the dynamics of territorial exploitation.

Key words: protected area; sexual division of labor; feminism; mining.

1. Introdução

Em termos de organização social de agricultores, associações, cooperativas e sindicatos se destacam, cada qual com suas características e finalidades. No caso das associações, tratam-se de sociedades civis sem fins lucrativos destinadas a defender interesses variados de seus associados, fortalecendo-os enquanto coletivo. Todavia, muitas vezes as associações de agricultores funcionam como reflexo das dinâmicas percebidas na própria agricultura, incorporando-as, como é o caso da divisão sexual do trabalho.

Historicamente, os homens têm sido associados às atividades capitalistas e remuneradas, realizadas no espaço público, e as mulheres às atividades domésticas e de cuidado, não remuneradas, realizadas no espaço privado. Assim, na divisão sexual do trabalho,

as mulheres ocupam um lugar desvalorizado, pois o trabalho de reprodução – por ser gratuito – não é considerado verdadeiramente como um trabalho (Neves; Medeiros, 2013).

Na agricultura familiar, essa divisão sexual do trabalho também é percebida. Enquanto os homens são os responsáveis pelo espaço da produção das culturas vegetais e das criações animais que são comercializadas e geram renda para a família, as mulheres tendem a ser relegadas ao espaço da casa e do quintal, onde os principais trabalhos são de subsistência. Às mulheres cabe limpar a casa, cuidar das crianças, cuidar da produção do quintal, onde costumam ficar os espaços da horta, do pomar e da criação de pequenos animais, que serão utilizados para preparar as refeições da família, além de ajudar os homens nas atividades de produção. Portanto, cozinhar é um dos papéis de gênero atribuídos às mulheres rurais no âmbito da dinâmica de divisão sexual do trabalho.

Dito isso, à luz das pesquisas sobre relações de gênero e divisão sexual do trabalho, o presente estudo tem como objetivo analisar a criação e a consolidação de uma associação de mulheres em uma unidade de conservação da natureza situada na Amazônia. Trata-se da Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra, localizada na Área de Proteção Ambiental do Igarapé Gelado, no município de Parauapebas, estado do Pará.

O resumo expandido encontra-se assim organizado a partir desta introdução: na seção de procedimentos metodológicos, apresentamos os caminhos trilhados para a coleta e análise de dados; na sequência, trazemos uma seção de caracterização do universo de análise, contextualizando o município de Parauapebas/PA e a APA do Igarapé Gelado; em seguida, nos debruçamos sobre a criação e a consolidação da Associação de Mulheres sob um viés de gênero; na sequência, apresentamos as considerações finais.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo é um recorte da dissertação de mestrado elaborada pela autora e orientada pela coautora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), intitulada *Associação de mulheres em unidade de conservação da natureza na Amazônia*, cujo objetivo foi analisar o território da APA do Igarapé Gelado e as questões sociais motivadoras do surgimento e consolidação da Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra da APA do Igarapé Gelado em Parauapebas/PA (ver Jesus, 2025).

Para este recorte, foram utilizados os dados coletados em pesquisa de campo, por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado e observações assistemáticas conduzidas com sete mulheres rurais: uma delas, a atual presidenta, e as outras seis, membros da Associação. As questões propostas para essas mulheres e aqui analisadas foram direcionadas à compreensão dos motivos e dos processos de criação e consolidação da organização social, assim como das razões para se tornarem associadas e das atividades desenvolvidas na Associação.

3. O município de Parauapebas/PA, a APA do Igarapé Gelado e os atravessamentos da maior jazida de minério de ferro a céu aberto do mundo

Parauapebas, município amazônico situado na região sudeste paraense, a aproximadamente 700 km da capital Belém, confunde-se com a história da exploração mineral no território em dois sentidos: no que tange ao garimpo de Serra Pelada e em relação à operação da Companhia Vale do Rio Doce (hoje apenas Vale S/A).

No início da década de 1970, foi descoberto ouro na chamada Serra Pelada, localizada onde hoje é o município de Curionópolis. Isso ocasionou intenso fluxo migratório para a região em busca de riqueza, desencadeando um processo de urbanização desordenada que culminou no surgimento de municípios nas redondezas, entre os quais está Parauapebas. Além disso, no final dos anos 1960, foram descobertas jazidas de minério de ferro na Serra dos Carajás, onde

hoje fica o próprio município de Parauapebas, que começaram a ser efetivamente exploradas no começo da década de 1980 pela Companhia Vale do Rio Doce.

Assim, com a abertura da exploração da Serra dos Carajás (início da década de 1980) e com o fechamento de Serra Pelada (início da década de 1990), o fluxo de pessoas para Parauapebas se intensificou ainda mais. Como a APA do Igarapé Gelado situa-se em área vizinha à Serra dos Carajás (limitada em seu extremo sudeste pela Estrada de Ferro Carajás), o território experienciou todos esses fluxos migratórios relacionados à exploração mineral, assim como sofreu e ainda sofre com as consequências dessa atividade geradora de grandes impactos socioambientais.

É importante destacar que a criação da APA do Igarapé Gelado aconteceu oficialmente no ano de 1989, por interesses da própria Companhia Vale do Rio Doce. Hoje, o território é gerido pelo ICMBio, fazendo parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Em grande medida, é ocupado por ex-garimpeiros das serras das redondezas, que buscaram permanecer na região por meio da atividade agropecuária. A expectativa inicial era de que o território fosse transformado em um assentamento de reforma agrária. Existem relatos de intensos conflitos fundiários entre a população local e a Companhia Vale do Rio Doce, envolvendo expulsão de moradores e vandalismo contra suas posses. O assentamento de reforma agrária nunca se concretizou, pois a Companhia Vale do Rio Doce interveio no processo, requerendo a criação de uma Área de Proteção Ambiental, como uma estratégia de manutenção de poder sobre esse território. Embora não ocorra atividade de lavra dentro da APA do Igarapé Gelado, lá estão situadas duas barragens de rejeitos de mineração pertencentes à mineradora. É nesse contexto que vive a população da APA do Igarapé Gelado e no qual surge a Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra, ainda no ano de 2004.

4. A Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra da APA do Igarapé Gelado

A Associação teve o seu primeiro registro como forma de associação civil em 23 de março de 2004, o que significa que já possui mais de 20 anos de existência. O principal objetivo da Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra da APA do Igarapé Gelado consiste em valorizar as mulheres camponesas, promovendo direitos sociais e ações de apoio à agricultura, cultura, educação, esporte e lazer para suas associadas. Atualmente, conta com vinte e seis associadas.

Inicialmente, havia na APA do Igarapé Gelado uma associação geral de agricultores, intitulada Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Área de Proteção Ambiental (APROPA). Tal associação existe até os dias atuais e é uma organização social bastante politizada, que inclusive discute sobre as consequências da exploração mineral sobre a APA do Igarapé Gelado.

As mulheres acompanhavam seus cônjuges nas reuniões da APROPA. Todavia, não se sentiam representadas nas pautas apresentadas e não se sentiam à vontade para reivindicar suas próprias pautas nesse ambiente dominado por homens e pelos seus interesses masculinos em termos de produção agrícola, muito focados na pecuária de corte, comum em Parauapebas e região. Por meio dos relatos das entrevistadas, foi possível perceber que o foco das reuniões da APROPA era nas atividades consideradas como trabalho produtivo na agricultura, menosprezando uma série de atividades vinculadas ao chamado trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres, principalmente no que diz respeito à produção nos quintais de frutíferas, olerícolas e pequenos animais domésticos, bem como a fabricação de alimentos processados a partir desses produtos in natura. Embora a APROPA fosse uma associação dos produtores rurais da APA do Igarapé Gelado, sem nenhum critério de gênero, as mulheres não se sentiam verdadeiramente parte de tal coletivo, como verbalizaram em suas entrevistas, dizendo que a APROPA era a associação, a reunião, o espaço “dos homens”.

Apesar de tais percepções, para dar o passo emancipatório em direção à criação de sua própria associação, as mulheres receberam incentivo de agentes do ICMBio e da Vale S/A, principalmente de uma funcionária da mineradora chamada Isabel, que teve a ideia original e questionou as mulheres que participavam da APROPA sobre por que não criar uma associação exclusivamente feminina. O nome da associação, “Filhas da Terra”, está relacionado ao fato de que as mulheres fundadoras da associação eram todas camponesas, mulheres rurais, que a partir da natureza e da terra produziam alimentos diversos, como “geleias”, “licores”, “bolos”, “pães” e “doces”, compartilhando entre si tais saberes.

A consolidação da Associação se deu, em grande parte, por financiamento da Vale S/A. Por meio de cursos, as mulheres se especializaram e se qualificaram na fabricação de alimentos diversos, utilizando matérias-primas locais. Hoje, a Associação conta com um escritório, uma sala de recepção, uma cozinha industrial, um banheiro e mais duas salas, uma funcionando como depósito e a outra como “cozinha de entrega”, onde as associadas armazenam os produtos prontos.

Embora a criação da associação tenha sido um processo importante para a autonomia dessas mulheres, o ideário de associativismo parece presente apenas no nome da associação. Muito incentivadas pela Vale S/A, as mulheres trabalham com uma perspectiva de empreendedorismo, que enfraquece o coletivo, sobretudo do ponto de vista crítico-reflexivo. Nesse sentido, as mulheres se unem visando ganhos econômicos individuais, perdendo de vista a comunidade da APA e todas as consequências da exploração mineral sobre o território, ocasionadas pela própria Vale S/A.

Ademais, não se pode deixar de observar que a organização social dessas mulheres, embora importante para sua autonomia, acaba reforçando papéis de gênero estereotipados, vinculados ao espaço doméstico, como a fabricação de produtos alimentícios a partir do cultivo no quintal, enquanto o trabalho mais visível e reconhecido, o qual corresponde à atividade produtiva propriamente dita, está sob a responsabilidade dos homens. Portanto, o processo de emancipação não chega a ser pleno, já que não aborda questões relacionadas à valorização do trabalho reprodutivo das mulheres nem discute questões de gênero e os impactos ambientais relacionados à mineração.

5. Considerações finais

A Associação de Mulheres Camponesas Filhas da Terra surge com o objetivo de fornecer uma alternativa para que as mulheres da APA do Igarapé Gelado se emancipem do ponto de vista econômico, mas acaba reafirmando as desigualdades de gênero. Ao dar visibilidade à produção do trabalho doméstico e de cuidado, como a preparação de alimentos e o cultivo de produtos no quintal, a associação contribui para a visibilidade do trabalho feminino, mas sem questionar os papéis de gênero convencionais ou os impactos socioambientais da mineração. Assim, apesar de os objetivos da associação parecerem emancipatórios, ela também reforça as dinâmicas tradicionais de gênero que marginalizam as mulheres na divisão sexual do trabalho.

6. Referências

JESUS, V. M. **Associação de mulheres em unidade de conservação da natureza na Amazônia**. 94f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá/PA, 2025.

NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.